

Um inédito de Basílio da Gama

Durante a nossa exaustiva pesquisa sobre a vida e a obra do poeta baiano Gregório de Mattos e Guerra (1636-1695) — especialmente quando buscávamos encontrar fontes sobre a vida do poeta no seu segmento ou fase angolana — cujo resultado foi uma alentada dissertação de Mestrado em Ciências Humanas na Universidade Federal da Bahia, consultamos um rol de manuscritos⁽¹⁾ referentes a vários territórios africanos — inclusive Angola — e aí encontramos uma cota que nos remetia para um *Soneto* do poeta mineiro: “Gama (José Basílio da) — Soneto ao desterro de José Seabra da Silva para as Pedras Negras (Satírico) — Fl. 280, cód. 805⁽²⁾).

Dentre outras fontes históricas que solicitamos à Biblioteca Nacional de Lisboa, em cópia fotomecânica, também requisitamos (Reg. 186, 25-V-1970, BNL), por mera curiosidade e/ou intuição, o *Soneto* indicado de Basílio da Gama, que já sabíamos não ser inédito, pois havíamos recorrido a José Veríssimo⁽³⁾, como veremos adiante.

Por mero acaso e/ou sorte, aconteceu o achado; em outra chapa do microfilme, no mesmo *códice* 805, no fólio 280 verso, chegou até este escriba um *Soneto*, este *inédito*, do poeta JBG. Lá

estava, no alto da página manuscrita apógrafa, o título; "Dom (es) mo Author José Bazilio, contra o Regedor Cardeal da Cunha".

Confessamos que, de início, não pensamos que se tratasse de uma produção inédita do autor de *Uraguai*, mas dissipamos nossas dúvidas quando voltamos a consultar José Veríssimo e deparamos com a seguinte declaração do historiador: "Mandou-me mais o sr. Lúcio de Azevedo um soneto inédito de José Basílio de ataque violento e descomposto ao Regedor, Cardeal da Cunha. Por assim ser, e conter obscenidades, julguei dever excluí-lo desta recolta" (4).

Como vemos, o paraense Veríssimo conhecia o *Soneto* e deixou de publicá-lo por razões moralizantes (5), mesmo sabendo-o *inédito*. Contando com a segura informação do pesquisador Lúcio de Azevedo, abonada por Veríssimo, não tememos admitir, ainda hoje, o *ineditismo* do poema de Basílio. É evidente que não podemos concluir e/ou afirmar que este *Soneto* que agora divulgamos, nesta sua versão ou variante apógrafa, é o mesmo enviado por Lúcio de Azevedo a José Veríssimo, pois este último, apesar de enumerar as diversas cotas das fontes fornecidas pelo historiador português, omite aquela de referência ao *Soneto contra o Regedor*, sendo que nenhuma daquelas diz respeito ao *códice 805*, no qual localizamos o *inédito brasileiro*.

Para maior segurança, resolvemos consultar um especialista em Literatura de Minas Gerais no século XVIII, o mestre Manoel Rodrigues Lapa, o qual nos disse, em carta de Anadia, 19.2.71: "Recebi a sua carta, a que respondo com prazer. Em tempos, andei rebuscando por todas as bibliotecas e arquivos composições manuscritas de José Basílio da Gama, com mira a uma possível edição crítica das suas poesias, que está fazendo muita falta. Consultei, é claro, os elementos, importantes, que Norberto da Silva deixou e se conservam no Instituto Histórico do Rio. Suponho que esse soneto ao Cardeal da Cunha estará no *códice 8610* da Biblioteca Nacional de Lisboa, que conheço bem, pois foi dele que tirei os sonetos inéditos para a minha edição de Alvarenga Peixoto".

A Carta do Prof. Rodrigues Lapa estende-se em considerações outras e dá-nos preciosas indicações bibliográficas, porém dela observamos que a cota *8610* para um *códice* da BNL é coincidente com um dos manuscritos apontados e também trabalhados por Lúcio de Azevedo, o qual forneceu a José Veríssimo a matéria-*virgem* para o seu livro sobre JBG. Aí neste *códice 8610*, rebuscado e investigando por Lúcio de Azevedo e Manoel Rodrigues Lapa, poderá haver uma outra cópia apógrafa — com variantes ou não — do *Soneto* de José Basílio ao Cardeal da Cunha.

Nesta cópia apógrafa que transcrevemos em seguida, encontrada em *códice 805* da mesma Biblioteca Nacional de Lisboa, pro-

curamos com lente de aumento as tais "obscenidades" aludidas por José Veríssimo. É bem verdade que a ótica e o pudor do festejado crítico coadunava-se com a visão de mundo e a moralidade do seu tempo. Porque vivemos um tempo diferente, ou nem tanto assim, porque consumimos e digerimos um conceito de moral mais elástico, porque o que era "obsceno" para o início do século XX já não é para o ano de 1972, achamos que este *Soneto* do poeta José Basílio da Gama não pode permanecer desconhecido:

"Do m(es)mo Author Jose Bazilio, contra o Regedor Cardeal da Cunha"

Soneto

*Como estás Regedor alarpadado, (6)
Não pega a labia, o mundo te conhece,
Sempre o rabo de fora te aparece,
Que devera a pregão ser açoutado.*

*Por mais q(ue) mil casacas tens virado
Fuisse, q(ue) é Latim, não te amanhece,
E a ninguém finalm(en)te agora esquece,
Que andavas ao Marquês sempre ajoujado. (7)*

*Tu tens um soberbo, um putanheiro, (8)
Que som(en)te acolhias por valido,
O Paje(em)do bastão alcoviteiro;*

*A ordem ministeral, tens abatido,
E porq(ue) Ant(oni)o Soares deu dinheiro,
Como Judas a Fé tinhas vendido.*

Este *Soneto* é bem verdade que nada acrescenta aos méritos literários de JBG, mas revela-nos o poeta sob uma face nova, de ferino denunciador e crítico. O poema acima transcrito é político. A intenção do poeta JBG foi atacar e atingir uma figura de destaque na igreja lusa e na política pombalina, se bem que em período de ostracismo, na Corte, após a queda do Marquês. Por outro lado o *Soneto* revela da parte de JBG uma certa fidelidade a Pombal, de quem chegou a ser secretário em 1775.

Atualmente este *Soneto* nada tem de "obsceno", como firmou Veríssimo, escusando publicá-lo. Acreditamos que a intenção moralizadora de JV foi ditada no sentido de preservar o bom nome da *Igreja Católica*, quando um seu cardeal era violentado por suas diatribes e desregramentos sexuais; ahl o tão falado celibato. Ao lado destes aspectos da *vida sexual* do Cardeal da Cunha (destacados nos versos 9, 10, 11), o *Soneto* é, em sua linha geral, um duro

e cruel retrato de um mau caráter, é uma sempre atual revelação crítica de certos processos de ascensão ao poder.

Quem foi este Regedor, Cardeal da Cunha? Para Fortunato de Almeida, era este personagem da *Igreja portuguesa* no século XVIII, "O bispo de Leiria, D. João Cosme da Cunha, homem de péssimo carácter e avesso a todo o escrúpulo..."⁽⁹⁾. O *Soneto* de JBG captou muito bem os traços da personalidade do Cardeal, figura de certa importância na política lusitana, ao tempo de D. José, que faz a sua carreira sob a proteção do todo poderoso Marquês de Pombal (vide alusão no *Soneto*, verso 8).

D. João Costa da Cunha e Tavora, (1715-1783), o Cardeal da Cunha, — um verbete completo sobre a carreira do sacerdote pode ser encontrado na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, vol. VIII — foi amigo pessoal do nosso Santa Rita Durão, tendo utilizado o talento oratório-gratulatorio do também poeta mineiro para safar-se de implicações no momentoso e discutido atentado dos *Tavoras*⁽¹⁰⁾ — poderosa família nobre portuguesa — contra El-Rei D. José. É Artur Viegas, no seu livro sobre Durão quem publica a célebre "Retractação" do autor de *Caramuru*, que diz: "Dizia elle (e era voz corrente) que alguma grande desgraça cairia em breve sobre sua casa, que até já mais duma vez por falsos rebates lhe chegara notícia da prisão de seus parentes; que todas estas razões o resolveram a celebrar com toda a pompa uma festa pela incolumidade d'el-rei (festa que depois ficou sendo annual), e que eu pregaria em sua presença o sermão que me encarregara a vereação da cidade, no qual me cumpria incriminar acerrimamente, assim os Tavoras, seus parentes, como os jesuitas: que finalmente era vontade sua que eu fizesse imprimir esse sermão e lhe dedicasse a elle. Approvei o designio e appliquei-me de alma e coração a salvar o homem" (11).

Depois desta eficaz *missa festiva* D. João da Cunha parte para uma escalada áulica na Corte⁽¹²⁾, tudo devendo, de início, ao conivente *professor de teologia* em Coimbra, Santa Rita Durão, que colabora, como vimos, com os "designios" do então *bispo* de Leiria, feito cardeal pelo prestígio de Sebastião José de Carvalho e Mello, o qual será traído pelo seu válido quando da sua queda (vide *Soneto*, versos 7 e 8).

Não queremos nos alongar nesta *nota prévia* sobre os aspectos historiográficos — observe-se como este poema é um documento histórico de excepcional qualidade — deste *Soneto inédito* de JBG, pois ainda temos que nos referir, mesmo de passagem, ao já aludido "Soneto ao desterro de José Seabra da Silva para as Pedras Negras", publicado por José Veríssimo⁽¹³⁾ que diz em nota explicativa: "O Soneto V, *Acerto individuo que sendo proegido pelo marquez de*

Pombal incorrera depois no seu desagrado, reproduzido por Norberto da *Collecção de poesias ineditas* acima citada⁽¹⁴⁾, traz, segundo a cópia do sr. Lúcio de Azevedo, nas *Miscellaneas Curiosas*, Ms. no. 805 da Bibliotheca Nacional de Lisboa (fundo antigo) o título *Soneto feito por José Basilio quando foi desterrado José de Seabra para as pedras negras (sic.)*. Na versão de Norberto o último verso do segundo quarteto é

Que elle proprio lhe foi funesto agouro

o que não faz sentido se não violentando a grammatica. Corrigi-o pela versão do Ms. da Bibliotheca de Lisboa em que vem:

Que ella mesmo lhe foi funesto agouro⁽¹⁵⁾.

Depois desta longa citação, pode o leitor ver que aqui está, em verdade, localizada a fonte, *códice n.º 805* também da BNL, onde estão os 2 (*dois*) *Sonetos* de JBG, o do Cardeal da Cunha, *inédito até este artigo*, e o de José Seabra, que aparece publicado na antologia organizada por José Veríssimo⁽¹⁶⁾ *sem a correção indicada*, tendo sido mantido o verso “Que elle proprio lhe foi funesto agouro”, e o título “A certo indivíduo que sendo protegido” [etc.], com a numeração V, conforme as indicações de Norberto da Silva. Como vemos, o festejado JV nada mais fez do que uma colagem do trabalho já realizado, de forma deficiente, por NS. Em seguida, fomos observar que o verso n.º 8 do “Soneto feito por José Bazilio q(uan)do foi desterrado José de Seabra p(ar)a as pedras negras”, que começa por “Achou Fabio hum Torráo de Barro Louro”, é, de fato, “Que ella m(es)ma lhe foi funesto agouro”, como observou José Veríssimo e não emendou, como disse, deixando de assinalar as variantes “Olha Fabio, q(ue) hé justo, e então podenra (*códice 805*, BNL, fólio 280, verso 9) por “Olhou Fabio, que é justo, e então pondera (*Verissimo*; op.cit. p. 213, verso 9), e Levanta a mão, e contra o vicio exclama”, (*Códice 805*, BNL, fólio 280, verso 12) por “Levanta o braço e contra o vicio exclama, (*Verissimo*; op. cit. p. 213, verso 12).

Como é de notar, diante deste sumário e desprezencioso trabalho relativo a JBG, tem toda razão o Prof. Rodrigues Lapa quando lembra a urgência de uma *edição crítica* das obras do bardo mineiro. Poderemos acrescentar, fazendo dueto com o mestre de Anadia, que toda a literatura brasileira e toda a *história dos literatos brasileiros* do período colonial está a merecer uma *re-visão crítica* (o que já fizemos com Gregório de Mattos e Guerra no seu aspecto biográfico) e edições realmente criteriosas.

FERNANDO DA ROCHA PERES

1 Dias, Luiz Fernando de Carvalho. Notícia dos documentos da Secção dos Reservados, Fundo Geral, da Biblioteca Nacional de Lisboa, respeitantes às províncias ultramarinas de Angola, Cabo Verde, Guiné, Macau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe Timor. *Garcia de Orta*. Lisboa, 5 (3), 1957. Sep.

2 *Ibid.*, p. 6

3 Veríssimo, José. *Obras poéticas de José Basílio da Gama*. Rio de Janeiro, Gannier, s.d. p. 15.

4 *Ibid.*

5 Com idênticos princípios procedeu Afrânio Peixoto ao publicar as *Obras* de Gregório de Mattos pela Academia Brasileira, deixando inéditos uma série enorme de poemas apógrafos do poeta seiscentista agora editado por James Amado na recente edição de Mattos, Gregório de. *Obras completas*. Salvador, Ed. Janaina, 1968. 7v., cujo único mérito é haver divulgado o seguimento erótico-burlesco da poesia gregoriana. A edição crítica ficou adiada mais uma vez.

6 Moraes, s.v: *Alapardado*, p.p. de Alapardar-se; e adj. Agachado, escondido, occulto: "Os que havião de ir na frota ficarão *alapardados* em terra. *Cast. 3.c.39*. escondidos, fugidos: "estavão os apóstolos escondidos, e *alapardados*". *Flos. Sanct. f.269*, ediç. de 1557.

7 Moraes, s.v: *Ajoujado*, p.p. de Ajoujar; e adj. Preso com ajoujo. § (fig.) Emparelhado, unido: "Monte Mayor merecia ser ajoujado com D. Jeronimo Orrea". *Apolog. Dialog.*

8 Bluteau, s.v: *Putanheiro*. Aquelle que frequenta as casas das mulheres públicas. *Scortator, is. Masc. Cic. Ganes, onis. Masc. Cic.*

9 Almeida, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*. Coimbra, Imp. Academica, 1917. T 4 (1750-1910), p. 309.

10 Sobre o assunto, ver Azevedo, J. Lucio d'. *O Marquez de Pombal e sua época*. Lisboa, Liv. Clássica, 1909. p. 218, que diz: "Dos Távoras só um irmão do Marquez ficava solto, o Bispo de Leiria, D. João, futuro Cardeal da Cunha, tão solicitado em condenar o attentado, que logo d'hai se recommendou as boas graças do poder".

11 Viegas, Arthur. *O poeta Santa Rita Durão; revelações históricas de sua vida e do seu século*. Paris, Ed. d'Art Gaudio, 1914. p. 18-19.

12 A subserviência do Cardeal da Cunha é tão notória que "Segundo um despacho do Marquês de Blosset para o Governo Francês, de 14-1-1777, quando o Marquês de Pombal via seu irmão com o Cardeal dizia: Eis aqui S. Roque o seu cão!". Cunha, João Cosme da. "Verbete". In: *Grande enciclopédia portuguesa e brasileira*. v. 8.

13 Veríssimo, op. cit., p. 213.

14 *Ibid.*, p. 3, nota 2, cita Norberto da Silva remetendo para a *Collecção de poesias inéditas dos melhores auctores portuguezes*. Lisboa, 3 T (respectivamente de 1809, 1810 e 1811).

15 Veríssimo, op. cit., p. 15-16.

16 *Ibid.*, p. 95-236.

